

1^{as} Jornadas da ESEB

" A CULTURA ENSINA-SE ? " *

J. MONTALVÃO MARQUES **



Quis a Escola Superior de Educação que nesta sessão inaugural o Presidente do Politécnico estivesse presente, que dissesse algumas coisas que ele considerasse adequadas como introdução, não deste tema que isso será muito melhor tratado por vós, mas para introdução de coisas referentes ao sistema de ensino que possam ter a ver com o tema das vossas Jornadas "A cultura ensina-se?" e eu gostosamente aceitei esse convite.

Quando numa outra ocasião e noutras condições eu tive de dirigir a palavra a uma parte desta assistência disse a certa altura qual deve ser o perfil dum diplomado pelo ensino Politécnico, quais as características que ele deve satisfazer. É uma opinião pessoal, sujeita por consequência a todos os erros inerentes:

Um diplomado pelo ensino Politécnico deve ser um profissional eficiente e que tenha adquirido uma formação que lhe permita aprender coisas novas; deve não só saber aquilo que se lhe ensinou mas ter a capacidade permanente de aprender; deve possuir princípios éticos adequados; deve ser um homem livre e amar a liberdade; deve procurar desenvolver o mais possível todas as suas potencialidades, para que não tenhamos uma sociedade de pessoas iguais. Queremos concertar uma sociedade de pessoas diferentes pois só assim haverá criatividade. Os homens e mulheres que nós formamos devem também sentir - se solidários com a sociedade que os criou, que os ensinou e sentirem-se até responsáveis por ela, e devem ser homens educados e cultos, porque os que não o são podem ser extremamente perigosos até porque às vezes não sabem que não são cultos. Ao dizer-vos isto, não estou a antecipar-me às vossas conclusões, estou a dar-vos o meu testemunho pessoal.

Por consequência, para mim, e possivelmente para muitos de vós a cultura tem que ver com educação. Se assim é, queria falar-vos só de três aspectos, que me parecem particularmente relevantes.

* Discurso proferido na sessão de abertura das 1^{as} Jornadas da ESEB

** Presidente do Instituto Politécnico de Beja

No campo do ensino e das suas repercussões sobre a cultura o primeiro aspecto é o do analfabetismo. Porque é que eu falo de analfabetismo? Primeiro, para repetir aquilo que muitas pessoas que aqui estão, sabem muito bem. O analfabetismo, hoje, em Portugal, não é já um problema, já ultrapassámos essa fase. O analfabetismo existe fundamentalmente nos grupos etários de maior idade, é, quanto muito, um tributo que esses grupos lamentavelmente têm que pagar pela nossa ineficiência como sociedade. Devo dizer que, em termos de analfabetismo o distrito de Beja não é dos piores ao contrário do que as pessoas às vezes costumam dizer. Neste aspecto e em relação às classes mais jovens, está até numa situação mediana em relação aos restantes distritos do País. Há distritos do País muito piores do que nós, e outros, e ainda bem que assim é, muito melhores.

Um outro aspecto sobre o qual vos queria dizer algo é sobre a escolaridade obrigatória. Já temos uma escolaridade obrigatória de 9 anos que ainda não está a ser cumprida, mas nós deveríamos ambicionar como meta legítima ter uma escolaridade obrigatória de 12 anos. Eu lembro-me sempre nesta altura de figuras como Passos Manuel que diziam que a ambição legítima era ter um liceu em cada capital de distrito. Nós fizémos isso, até o ultrapassámos, mas meu Deus quantos anos demorámos para o fazer! E o tempo é importante nos fenómenos culturais.

Um terceiro aspecto de que vos queria falar é o da taxa de frequência do ensino superior em Portugal. Ela é lamentavelmente baixa como todos sabemos e há que aumentar essa taxa de frequência. O próprio Governo nas grandes Opções do Plano manifesta essa intenção, e diz: há que aumentar a taxa de frequência no ensino superior e queremos aumentá-la rapidamente. Digo-vos isto porque ainda não há muitos anos havia ilustres professores que achavam que os números *clausus* reduzidos estavam bem. Havia responsáveis pelo ensino superior que achavam que a nossa frequência no ensino superior estava bem. Hoje todos dizemos que estava mal, mas deveríamos tê-lo dito mais cedo e evitar o que está a acontecer neste momento.

O Instituto Politécnico de Beja tem procurado dar uma contribuição que eu considero positiva para a resolução deste problema. Reparem que estamos no início do nosso 4º ano lectivo e vamos ser frequentados por cerca de 600 alunos, na realidade, do ano passado para este ano fomos o Politécnico que teve a maior taxa de crescimento de alunos em todo o País e, no entanto, só temos instalações precárias. O nosso *numerus clausus* este ano foi de 315 e como temos um espírito aberto no que respeita a transferências e a todos aqueles imensos sistemas e processos de acesso ao ensino superior, vamos ter cerca de 350 alunos no nosso 1º ano. Isso vai representar um grande esforço da nossa parte, mas estamos a fazê-lo. E comparo-o com aquilo que noutros locais aconteceu.

Houve comissões instaladoras de outras escolas que durante 5 anos não tiveram um único aluno. Também me lembro de outras escolas que adoptaram o sistema peregrino e extremamente vantajoso para quem dirige uma comissão instaladora que era primeiro construir as instalações, e esperar até ter belos edifícios para começar. Como Portugal é um País bonito, simpático, e nós somos boas pessoas, naturalmente, ninguém é censurado por estas atitudes, no entanto deveriam ter sido censuradas pessoas que poderiam ter começado cursos mais cedo, poderiam ter mais alunos nas escolas e não os têm.

Outro aspecto que talvez valha a pena também mencionar. É o da duração dos nos-

soos cursos universitários, que em grande número de casos continuam a ser de 5 anos, quando no estrangeiro são de 4. Serão os estudantes portugueses menos capazes? Mais ainda, porque é que nós em Portugal inventamos uns mestrados que duram tempo superior ao doutoramento no estrangeiro? Estas perguntas, eu costumo fazê-las um bocadinho antes do tempo. Muitas vezes tenho sido censurado por andar antes do tempo, ainda bem que assim é, porque alguém tem que andar antes do tempo, pois a maior parte das pessoas anda depois do tempo. Por consequência o que devemos fazer é começar a preocuparmo-nos com estes problemas e a resolvê-los.

Mas para que não sejam só censuras para os outros censuremo-nos também a nós próprios. Quando reparei que tínhamos um numerus clasus de 315 fiquei contentíssimo e disse: realizámos um bom trabalho vamos ter imensos alunos. Mas perante o número de alunos que no distrito de Beja concluíram o 12º ano, cerca de 1500, o que estamos a fazer é apenas satisfazer 20% das candidaturas possíveis. Nós próprios não estamos a fazer aquilo que deveríamos. Por consequência há que fazer mais.

E agora só vos queria dizer ainda o seguinte: eu espero que daqui por 10 anos, outro Presidente deste Instituto Politécnico esteja neste lugar e faça uma apresentação semelhante e diga o seguinte: no distrito de Beja o analfabetismo foi virtualmente extinto, a escolaridade obrigatória de 12 anos está a ser integralmente cumprida, o número de estudantes do ensino superior corresponde a 40% do grupo etário entre os 18 e os 24 anos. Se assim for teremos vencido, e para isso vamos trabalhar mais e depressa.

Muito obrigado.